

Formação da língua portuguesa no Brasil, em particular no Estado da Bahia



Gravura: Walter Sérgio

Índice

Introdução	4
I. Panorama histórico-sociolingüístico do Brasil	4
I.1 O descobrimento do Brasil.....	4
I.2 A colonização portuguesa	5
I.3 Os índios	6
I.4 A escravidão.....	6
I.4.1 Os quilombos	7
I.5 A independência do Brasil. Abolição da escravidão.....	8
II. Características gerais do português do Brasil.....	9
II.1 A língua portuguesa do século XVI no Brasil	10
II.2 Fonética e fonologia	10
II.3 Morfologia e sintaxe	12
II.4 Vocabulário.....	13
III. O dialeto no Brasil	13
III.1 O problema da dialetologia no Brasil.....	14
III.2 Estudos dialetológicos no Brasil	15
III.3 O Atlas Prévio dos Falares Baianos	15
IV. O crioulo no Brasil, em particular na Bahia	16
IV.1 Um exemplo de crioulo na Bahia: Helvécia	17
V. Salvador da Bahia de Todos os Santos	18
V.1 A situação linguageira na Bahia nos séculos XVI-XIX.....	19

V.2 O falar baiano.....	19
V.3 Os níveis socioculturais de linguagem na Bahia	20
VI. Africanismos da Bahia.....	20
VII. Cultura e língua na Bahia	21
VII.1 Culinária.....	22
VII.2 Música (samba), dança e religião	23
VII.2.1 O candomblé	23
VII.2.2 A Capoeira	25
VII.2.3 Dança e Música	26
Conclusões	26
Bibliografia	28
Dicionários	29
Sites.....	30
Ilustrações	30

Introdução

Esse trabalho parte de uma panorâmica geral da história sociolingüística, abordando fatos históricos importantes que contribuíram para o desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil. Depois resumiremos os traços lingüísticos gerais e típicos da norma brasileira. Baseado nesse panorama histórico serão brevemente tratadas as questões da dialetologia do Brasil e do crioulo, especialmente da questão de possíveis indícios de crioulo em Helvécia, no Estado da Bahia, situado no nordeste do Brasil.

A língua não é só um meio de comunicação, mas também a expressão da própria cultura e das tradições que nela vivem e sobrevivem. Por esse motivo, pretendemos mostrar nesse trabalho o aspecto cultural do Estado da Bahia, especialmente de Salvador, que eu mesmo pude vivenciar na minha viagem de fevereiro/março de 2005. Por isso não deixei completamente de lado as minhas raízes músico-etnológicas. Fiz uma análise e uma classificação de africanismos que são usados na cultura baiana (excluindo aqui a região designada *sertão*, situada no interior da Bahia), ou seja, os elementos dos quais Salvador se destaca e que são: culinária, música, dança e religião.

I. Panorama histórico-sociolingüístico do Brasil

Esse capítulo será um breve panorama dos fatos históricos mais relevantes que favoreceram o desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil, como o descobrimento do Brasil, a colonização portuguesa, a contribuição dos índios e dos escravos africanos, até a independência do Brasil.

I.1 O descobrimento do Brasil

No dia 22 de Abril de 1500, Pedro Álvares Cabral chega às costas do Brasil (litoral da Bahia), tomando posse da nova terra em nome do rei D. Manuel de Portugal. Cabral chamou a terra descoberta *da Vera Cruz* que foi pouco depois substituída por *da Santa Cruz*. O nome *Brasil*¹ provém da madeira de uma árvore chamada *pau-brasil*, da

¹ Segundo Bueno, Eduardo, no seu livro *A viagem do descobrimento. A verdadeira história da expedição de Cabral*, p. 13, o nome *Brazil* provém do celta *bress*, que deu origem ao verbo inglês *to bless* (abençoar). *A ilha do Brasil*, chamada também de *ilha de São Brandão* ou *Brasil de São Brandão*, era umas das tantas ilhas imaginárias que aparecia na cartografia europeia da Idade Média. Essa ilha

qual se extraía uma substância vermelha usada na tinturaria. Antes do *Brasil* se tornar um nome próprio de um país, a expressão *terra do Brasil* era muito usada entre comerciantes, traficantes e cartógrafos.²

O dia da descoberta é também o dia no qual a história do Brasil começou a ser escrita com *A Carta* do escrivão Pero Vaz de Caminha. O Brasil era povoado de índios quando os Portugueses se instalaram no Brasil. “A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma.”³

I.2 A colonização portuguesa

A colonização portuguesa, porém, começa só em 1532 com a formação de quinze capitanias hereditárias.

Os portugueses originários de vários pontos do Portugal (com dialetalizações diferentes) que chegaram ao Brasil, proviam na maioria das zonas rurais e falavam uma língua vernácula, quer dizer, uma língua aprendida em casa.⁴

Um outro aspecto importante é que a colonização foi exercida por homens que se relacionaram principalmente com mulheres indígenas ou negras (depois do começo da escravidão). A liberdade sexual, a mestiçagem e a exogamia geraram vários tipos étnicos e isso favorecia vários tipos de bilingüismo.⁵

Do ponto de vista socio-cultural dois fatores importantíssimos transformaram o panorama lingüístico-cultural e social do Brasil: *A catequese* e *a escravidão*.⁶

A catequese começou em 1549 com a chegada do primeiro Governador Geral, Tomé de Sousa, que deu início à construção da vila que seria a futura cidade de Salvador da Bahia de Todos os Santos, e trouxe os primeiros jesuítas, que tinham por superior Manuel da Nóbrega.

mitológica chamada também de *Hy Brazil* teria sido descoberta e colonizada por São Brandão, um monge irlandês que partiu ao alto-mar em 565. Portanto, *Hy Brazil* significa terra abençoada.

² Elia, Sílvio, *Fundamentos histórico-lingüísticos do português do Brasil*, p. 22.

³ De Caminha, Pero Vaz: *Carta a El Rei D. Manuel* (1500), p.3.

⁴ Para esse tema veja: Houaiss, Antônio, *O português no Brasil*, p. 91-104.

⁵ O vocabulário rico que designa os vários tipos étnicos mostra esse fato: mazombo (nascido no Brasil de pais estrangeiros), chibarro (mestiço), cafuzo (mestiço de negro e índio), mulato (filho de pai branco e mãe preta o viceversa), crioulo (negro nascido no Brasil), mameluco (filho de índio com branco), etc.

⁶ Elia, Sílvio, *Fundamentos histórico-lingüísticos do português do Brasil*, p. 29.

I.3 Os índios

No litoral, onde a colonização foi mais imediata, a *língua geral*⁷ era o tupi, a principal língua indígena, que durante muito tempo viveu ao lado do português como língua de comunicação.⁸ A *língua geral*, conhecida também como *língua brasílica*,⁹ foi definitivamente proibida no Brasil pelo marquês Pombal a partir de 3 de Maio 1757 ao Pará e ao Maranhão, a partir de 17 de Agosto de 1758 a todo o “Brasil.” Em 1759 foram expulsos os Jesuítas que eram os principais protetores da *língua geral*.¹⁰ O governo português até então incentivava com a vinda dos jesuítas uma política oficial de proteção aos índios para conciliar as concepções humanitárias e cristãs com as necessidades econômicas da colonização.¹¹ O genocídio sistemático e a integração forçada que seguiu a expulsão dos jesuítas contribuíram à extinção progressiva de várias línguas indígenas.

Os índios, povos nômadas, plantavam apenas mandioca e não criavam, viviam dos frutos das árvores, da pesca e caça. Eles não conheciam o trabalho organizado do qual os Portugueses necessitavam para as plantações de açúcar. Com isso, sentiu-se a necessidade de importar escravos para a mão de obra, para o processo produtor da cana de açúcar, mas também para os trabalhos domésticos, serviços urbanos, e para os trabalhos de homens de mester.

I.4 A escravidão

A produção açucareira era um dos pilares da colonização do Brasil, tornando-se base de sua economia durante quase dois séculos. Desde os tempos das Cruzadas, o açúcar tornou-se uma mercadoria de alto valor comercial que era empregado como moeda, herança e dote de casamento. O sistema produtivo monocultural usava a mão-de-obra escrava que era abundante e barata para a burguesia comercial. O processo produtivo compreendia a etapa agrícola, o plantio, a conservação e o corte da cana e a etapa manufatureira, onde a cana era transformada em açúcar, cachaça, melado e outros

⁷ Teyssier, Paul, *História da língua portuguesa*, p. 76.

⁸ Os jesuítas, para facilitar o acesso ao tupi (guaraní, tupinambá, tupiniquim) gramaticalizaram essa língua, submetendo-a a regras. O tupi desdobrou-se em duas variedades: o *abanheenga* (“língua de gente”), ao sul do Brasil e o *nheengatu* (“língua boa”), ao norte. Veja também: Elia, Silvio, *Fundamentos histórico-lingüísticos do português do Brasil*, p. 49.

⁹ Do Couto, Hildo Honório, *Os estudos crioulos no Brasil*, p. 100.

¹⁰ Teyssier, Paul, *História da língua portuguesa*, p. 76.

¹¹ Veja: Martins, Wilson: *História da inteligência brasileira*, vol. I, p. 247.

derivados. Até o século XVII os centros principais de produção de açúcar eram Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro.

Na segunda metade do século XIX o comércio do açúcar atravessou um grande período de crise, devido à concorrência antilhana. Nessa altura, o principal produto da agricultura brasileira não era mais o açúcar, mas sim, o café.¹²

A escravidão do povo negro no Brasil, começou no século XVI e terminou oficialmente no século XIX, exatamente em 1888.¹³ As fases da escravidão podem ser resumidas em termos gerais nos seguintes ciclos:

- 1ª fase: Ciclo da Guiné (séc. XVI)
- 2ª fase: Ciclo de Angola (séc. XVIII)
- 3ª fase: Ciclo da Costa da Mina e Golfo de Benin (séc. XVIII até 1851)
- 4ª fase: Fase da ilegalidade (1816-1851)¹⁴

Os pontos de chegada dos escravos eram Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Os escravos trabalhavam em plantações de cana de açúcar, tabaco, algodão e café. Os negros, na chegada ao Brasil, eram separados de suas famílias, línguas e etnias. Tudo isso para dificultar desde o começo qualquer possibilidade à comunicação e à rebeldia.

I.4.1 Os quilombos

Os quilombos definem-se como um caso particular do ponto de vista lingüístico. Os quilombos ou mocambos eram povoações formadas por escravos fugidos. Eles acolhiam também mulatos, índios, homens livres, forros¹⁵ e marginalizados na sociedade colonial. O quilombo mais famoso é o *Quilombo dos Palmares*, localizado no sul da capitania de Pernambuco, hoje estado de Alagoas. Sua origem remete ao final do século XVI.

Os quilombolas, ou seja, os habitantes dos quilombos, sobreviviam da pesca, caça, coleta de frutos, criação de frangos, do cultivo de milho, mandioca, cana-de-

¹² Lody, Raul: *Atlas afro-brasileiro. Cultura popular*, p. 18-19.

¹³ A escravidão foi abolida com a Lei Áurea: “Lei N. 3.353, de 13 de Maio de 1888. Declara extinta a escravidão no Brasil. A Princesa Imperial Regente em Nome de Sua Majestade o Imperador o Senhor D. Pedro II, faz saber a todos os súditos do Império que a Assembléia Geral decretou e Ela sancionou a Lei seguinte: Art. 1.: É declarada extinta desde a data desta Lei a escravidão no Brasil.” [...] <www.senado.gov.br/comunica/historia/aurea.htm>.

¹⁴ Elia, Sílvia, *Fundamentos histórico-lingüísticos do português do Brasil*, p. 35.

¹⁵ Homem livre ou nascido de pais livres.

açúcar e feijão. Calcula-se que em 1670 a população de Quilombo dos Palmares, um dos maiores da época, chegava perto de 20 mil pessoas.¹⁶

Os índios, em particular, eram em geral foram privados da própria cultura. Os pesquisadores acreditam na existência de uma língua geral, talvez de base tupi, reduzida às necessidades práticas.¹⁷

I.5 A independência do Brasil. Abolição da escravidão

Resumindo podemos dizer que o Português europeu, o Índio e o Negro (de várias regiões da África) constituem durante o período colonial as três culturas básicas da população brasileira e que são responsáveis para a formação do português do Brasil.

Em 1808, as invasões francesas obrigam o príncipe regente, o futuro rei D. João VI, a se refugiar no Brasil, exatamente no Rio de Janeiro. A coroa traz consigo quinze mil portugueses que servem para relusitanizar, se assim podemos dizer, o Rio de Janeiro. Esse fato histórico influenciou algumas características típicas na fala dos habitantes do Rio de Janeiro. O ano depois o regresso em Portugal de D. João VI, em 1822 é proclamada a independência do Brasil.

Com o cessar do tráfico negreiro em 1850 e com a abolição da escravidão em 1888, registra-se durante o período de 1870-1950 uma vinda maciça de imigrantes europeus, principalmente de italianos e alemães, que se adaptaram por duas gerações na sociedade brasileira. Nesse período, o desenvolvimento econômico passa a se concentrar nas regiões sul e sudeste do Brasil.

A urbanização e a industrialização a partir dos anos 1950 transformam o panorama social-econômico do país. Em São Paulo, Rio de Janeiro e também em cidades como Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Fortaleza, existem simultaneamente zonas desenvolvidas de civilização urbanas com regiões subdesenvolvidas e rurais que registram um alto índice de analfabetismo e semi-analfabetismo. Nessas cidades que se desenvolveram economicamente, concentra-se o maior índice de instrução onde se fala e escreve a norma de português conhecida como português do Brasil.

¹⁶ Veja também: Caldeira, Jorge: *História do Brasil*, p. 62-63.

¹⁷ Houaiss, Antônio, *O português no Brasil*, p. 79.

II. Características gerais do português do Brasil

A evolução do português falado no Brasil está mais relacionada a fatos históricos do que lingüísticos.

Com seus 8.5 milhões de quilômetros quadrados e aproximadamente 170 milhões de habitantes,¹⁸ o Brasil ainda consegue manter a hegemonia da língua portuguesa até os dias de hoje. Pois, desde a expulsão dos Jesuítas em 1759, a língua portuguesa foi imposta pelos colonizadores como sinal de superioridade cultural dos brancos sobre os negros e índios. Talvez por isso, aparentemente, o Brasil não tenha setores lingüísticos distintos que impedem uma conversação entre moradores de pontos distantes e de classes diferentes. Por exemplo, um habitante da zona rural na Amazônia, no norte do Brasil, entende sem dificuldades um habitante da zona urbana de uma cidade do extremo sul do país, nos Estados do Paraná ou do Rio Grande do Sul.

Porém, não podemos ocultar as variantes lingüísticas de cada região. É importante lembrar, que o português chamado de padrão é um privilégio reservado a poucos membros de uma elite econômico-social e que tem o poder político-cultural.¹⁹

Antenor Nascentes divide o falar brasileiro em seis subfalares: o amazônico, o nordestino, o baiano, o fluminense, o mineiro e o sulista. Uma característica geral entre o norte e o sul do Brasil é a pronúncia das vogais pretônicas (vogais antes do acento). As vogais abertas são típicas da região norte e as vogais fechadas são uma característica da região sul.²⁰ Outros traços marcantes são, por exemplo, o *s* sibilado sulista em oposição ao chiente do carioca como também o *r* rolado gaúcho em oposição ao *r* aspirado carioca.²¹

¹⁸ Exatamente 169 799 170 segundo o censo 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): <www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tabelagrandes_regioes211.shtm

¹⁹ Leite, Yvonne; Callou, Dinah: *Como falam os brasileiros*, p. 16.

²⁰ Leite, Yvonne; Callou, Dinah: *Como falam os brasileiros*, p. 18.

²¹ Leite, Yvonne; Callou, Dinah: *Como falam os brasileiros*, p. 20.

II.1 A língua portuguesa do século XVI no Brasil

A língua portuguesa se instalou no Brasil no século XVI, ou seja, quando as primeiras e seguintes evoluções morfológicas e fonéticas já tinham se estabelecido:²²

- Eliminação de numerosos encontros vocálicos
- Unificação do singular das palavras *mão*, *cão* etc.
- Distinção entre /b/ e /v/²³

Durante o período colonial o português no Brasil continuou a evoluir segundo o português europeu:

- monotongação de *ou* em [o]
- simplificação de [tʃ] e [ʃ] em <ch>, como por exemplo na palavra *chamar*.

II.2 Fonética e fonologia

A fonética e a fonologia do português do Brasil distinguem-se por dois aspectos fundamentais: O aspecto conservador e o aspecto inovador.²⁴ Os aspectos conservadores são características fonéticas e fonológicas antigas que evoluíram no português europeu, mas que se conservaram no português do Brasil. Os aspectos inovadores são todas aquelas características que evoluíram com o português do Brasil, diferenciando-se do português europeu.

Aspectos *conservadores* da fonética brasileira são:

- Pronúncia de –s e do –z implosivo sibilante
 - ▶ como [s]
 - em final como *atrás*, *vez*
 - diante de consoante surda: *vista*, *faz* *frio*
 - ▶ como [z]

²² Veja Teyssier, Paul, *História da língua portuguesa*, p.79.

²³ Teyssier, Paul, *História da língua portuguesa*, p.79.

²⁴ Os esquemas que seguem são um resumo que provem de Teyssier, Paul, *História da língua portuguesa*, p.79-88.

- diante de consoante sonora: *mesmo, atrás dele*

☛ Nota-se que o chiar carioca [š] e [ž], está provavelmente relacionado à vinda da coroa portuguesa de D. João VI no Rio de Janeiro em 1808.

- Pronúncia das vogais átonas finais
 - ▶ -o gráfico se pronuncia [u], como por exemplo em o *caso*
 - ▶ -e gráfico se pronuncia [i], como por exemplo em ele *sabe*
 - ▶ -a gráfico se pronuncia aberto [a]

- Pronúncia das vogais pretónicas
 - ▶ conservação dos tímbrs antigos de e [ɛ] como em *pegar*, e de o [ɔ] como em *morar*
 - ▶ e pretónico como em *estar* é pronunciado *istar*.
 - ▶ inesitência da vogal [ɛ̃] em qualquer posição
 - ▶ a pretónico é realizado como [a] aberto

☛ O ritmo da frase do português do Brasil é mais claro e também mais lento. Isso é devido ao fato que as átonas pretónicas, como *e* em *diferente*, são pronunciadas e não engulidas como no português europeu onde a mesma palavra se pronuncia *dif'rente*.²⁵

- Outros aspectos de pronúncia
 - ▶ conservação do ditongo [ɛy]
 - ▶ inexistência do ditongo [äy]
 - ▶ pronúncia [ẽỹ] do ditongo tipo *bem, tem*
 - ▶ conservação de [ɛ] antes de consoantes palatais: *venho, vejo* etc.
 - ▶ r forte uvular

- Ortografia
 - ▶ A grafia muitas vezes segue a pronúncia, por exemplo: *ótimo, fato* etc.

²⁵ Elia, Sílvia, *Fundamentos histórico-lingüísticos do português do Brasil*, p. 53.

Entre os aspectos *inovadores* da fonética brasileira se destacam:

- Falta de oposição entre os timbres abertos e fechados das vogais tónicas a, e, o, seguidas de uma consoante nasal
- Falta da oposição do timbre aberto e fechado nas sílabas pretónicas, para as vogais a,e,o
- Proclíticos e enclíticos em –e (me, te, se etc.) são pronunciados como [i]
- Aparecimento de um iode na pronúncia chiante de –s e-z finais: atrás [atrayš]
- Aparecimento de um i em grupos consonantais em algumas palavras eruditas: admirar se pronuncia *adimirar*
- Palatalização dos grupos ti [tš] e di [dž]
- Supressão da pronúncia da r final: pegar pronuncia-se *pegá*
- Vocalização de um l velar: sal, sol, Brasil (*sau, sou, Brasiu*)

II.3 Morfologia e sintaxe

Outras características importantes do português do Brasil são:

- Construção *estar + gerúndio*, por exemplo, *estou falando*.
- No português coloquial, pronome átono no início da frase: *Me parece que*
- O uso mais freqüente do verbo *ter* no sentido de *haver*
- Locuções *todo o mundo* (várias pessoas no sentido mais amplo) e *todo mundo* (quando se refere a um grupo de pessoas incluindo ou não o sujeito)
- Locução *a gente* referindo-se a 3ª pessoa do plural (nós)
- O emprego de *em + a*: Está *na* janela, *na* frente de, etc.
- Tratamento por *você, o senhor, a senhora* conjugado na 3ª pessoa do singular).
- O *tu* usa-se no sul com conjugação da 3ª pessoa singular do verbo (na língua falada)

II.4 Vocabulário

O português do Brasil, por as razões que vimos na parte histórica desse trabalho, possui um léxico rico de palavras de origem tupi e africana, usadas no dia a dia. Para dar alguns exemplos de indianismos e africanismos:

- De origem tupi: açaí, abacaxi, beiju, caju, jacaré, jaguar, maracujá, piranha, taba, tapioca, urubu.²⁶
- De origem africana: cafuné, orixá, maxixe, moleque, samba.²⁷

III. O dialeto no Brasil

No português do Brasil também registram-se diversidades geográficas. Por dialeto entende-se uma variedade subpadrão ou não padrão de uma língua, falada por um grupo de pessoas que não tem prestígio social. Trata-se também de uma variedade



lingüística regional que tem só uma tradição oral, como também variedade regional que pode ter uma forte tradição literária.²⁸ Um exemplo de tradição literária é a *literatura de cordel*, romanceiro

popular do Nordeste do Brasil vendido nas feiras e nos mercados em forma de folhetos pendurados em cordel. Uma outra definição, talvez mais rigorosa do dialeto é a seguinte: O dialeto é um “conjunto de marcas lingüísticas de natureza semântico-lexical, morfossintática e fonético-morfológica, restrito a dada comunidade de fala inserida numa comunidade maior de usuários da mesma língua, que não chegam a impedir a intercomunicação da comunidade maior com a menor. O dialeto pode ser geográfico ou social.”²⁹

²⁶ Para uma lista mais completa de palavra de origem indígenas veja também: Houaiss, Antônio, *O português no Brasil*, pp. 63-70.

²⁷ Teyssier, Paul, *História da língua portuguesa*, p. 88.

²⁸ Para uma definição veja também: *Novo dicionário Aurélio*, p. 672.

²⁹ Houaiss, Antonio/ Villar de Salles, Mauro: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, p. 1031.

III.1 O problema da dialetologia no Brasil

As divisões dialectais, se assim se pode falar, são no Brasil, segundo Teyssier, menos geográficas que sócio-culturais e a dialetologia vai ser menos horizontal que vertical.³⁰ Teyssier distingue também entre:

- A língua das pessoas cultas (elite intelectual)
- Língua vulgar das camadas urbanas (rica de gírias dinâmicas)
- Falares regionais e rurais³¹ (com falantes analfabetos ou semi-analfabetos)

O conceito de variação lingüística foi sistematizada por Labov na década de 1960. Com esse termo entende-se “a possibilidade estrutural existente em todas as línguas de dizer a mesma coisa de forma diferente.”³² Esse conceito fica claro com o exemplo seguinte: Não importa se eu falo “as menina já chegaram” ou “as menina já chegou”, para o interlocutor não tem diferença, ele entende as duas frases.³³ Essas frases são variantes com o mesmo significado e que em termos lingüísticos são equivalentes.

A variação atinge também o nível culto do Brasil. Em 1970 surgiu o *Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta* (NURC). Esse projeto demonstra que ao estudar as capitais brasileiras de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife constata-se uma pluralidade de normas e não só uma norma imposta segundo padrões externos.³⁴

Carlos Alberto Farraco diz a propósito das variedades lingüísticas: “Nenhuma língua é um todo homogêneo e uniforme. Cada idioma se define efetivamente como um conjunto de inúmeras variedades que se espalham pelo espaço geográfico [...]. Desse modo, aquilo que designamos por um nome singular – “Português”, por exemplo – é na verdade, um conjunto de “Portugueses.”³⁵

³⁰ Teyssier, Paul, *História da língua portuguesa*, p. 79.

³¹ Teyssier, Paul, *História da língua portuguesa*, p. 79.

³² Lucchesi, Dante: *Fora de Orbita*, p.45.

³³ Lucchesi, Dante: *Fora de Orbita*, p.45.

³⁴ Leite, Yvonne; Callou, Dinah: *Como falam os brasileiros*, p. 24-25.

³⁵ Faraco, Carlos Alberto: *Revoluções por minuto*, em: *Discutindo Língua Portuguesa*, p.14.

III.2 Estudos dialetológicos no Brasil

Estudos dialetológicos, no sentido mais amplo, não têm ainda uma tradição firme no Brasil.³⁶ Na década dos anos 1960 surgiram vários Atlas lingüísticos como o *Atlas prévio dos falares baianos*, que abordaremos mais detalhadamente, o *Atlas lingüístico de Sergipe*, o *Atlas lingüístico do Paraná* etc, para citar só alguns. O *Atlas lingüístico do Brasil* (ALIB), projeto que começou há cerca de 50 anos, tem como objetivo fazer um retrato da diversidade existente do Brasil e naturalmente da dialectalização do português, a fim de delimitar as áreas próprias de cada fenômeno lingüístico.³⁷

Os estudos e pesquisas dialetológicos no Brasil são dificultados e precisam de mais tempo para a compilação de um Atlas lingüístico mais consistente, devido a extensão do país (um território de 8.5 milhões de quilômetros quadrado com uma população de cerca de 170 milhões de habitantes) e a falta de forças humanas e financiamentos para as pesquisas.

III.3 O Atlas Prévio dos Falares Baianos

No contexto da dialetologia é importante mencionar o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), publicado e elaborado em 1963 por Nelson Rossi e pelas co-autoras Carlota Ferreira e Dinah Maria Isensee. Trata-se do primeiro Atlas lingüístico produzido no Brasil que recobre todo o Estado da Bahia, num eixo de 50 localidades, distribuídas pelas diferentes áreas geográficas. O Atlas é constituído por 209 mapas, distribuídas em 198 cartas lingüísticas, 44 das quais são resumos das cartas fonéticas e 11 cartas introdutórias, que fornecem dados complementares de caráter geral. Para a compilação desse Atlas foi adoptado um questionário lingüístico, com o método direto. Isso quer dizer que a transcrição fonética foi feita por pesquisadores, depois de ter ouvido a resposta do respectivo informante.³⁸

Mesmo que o número de pontos pesquisados seja reduzido em relação à extensão do território, é possível evidenciar alguns traços importantes. Destacam-se as diversas realizações do /t/ e do /s/ implosivos. A carta número 3, com a palavra *arco-*

³⁶ Segundo Do Socorro Silva de Aragão: *A situação da geografia lingüística no Brasil*, p.79.

³⁷ Leite, Yvonne; Callou, Dinah: *Como falam os brasileiros*, p. 17.

³⁸ Cardoso, Suzana Alice Marcelino : *A Dialectologia no Brasil: Perspectivas*, <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300010>.

iris evidencia a realização do /s/ como zero fonético (o s é eliminado) como, por exemplo: [arku,iri]. O APFB mostra também a vitalidade de formas arcaicas e a riqueza de significantes³⁹ por um mesmo significado.⁴⁰ Na carta número 36, onde o tema é o local onde se põe o feijão para secar. Por exemplo, neste caso encontram-se palavras como *jirau*, *paiol*, *sótão*, *estaleiro* e outras. Mesmo que a carta não se refira a todas as localidades, podemos dizer, que *jirau* é o termo predominante.⁴¹

IV. O crioulo no Brasil, em particular na Bahia

O crioulo é “o resultado de um pidgin, ainda que no estágio de jargão, em língua que tem falantes nativos. Tal como o pidgin, o crioulo é tradicionalmente classificado tornando-se por base a língua lexificadora.”⁴² O crioulo é também “uma das línguas mistas nascidas do contato de um idioma europeu com línguas nativas, ou importadas, e que se tornaram línguas maternas de certas comunidades socioculturais.”⁴³

Há crioulos de base portuguesa, francesa, holandesa e outras. Uma característica do crioulo é que ele elimina as redundâncias do sistema da língua de origem, simplificando-as.

Uma resposta clara à questão se no Brasil havia crioulos ainda não pode ser dada. Faltam muitos dados e pesquisas para poder dar uma resposta a essa questão. Se o crioulo tivesse existido, tratava-se principalmente de uma língua falada que não foi escrita e por isso faltam documentos históricos que podem testemunhar a favor de crioulos.

Segundo o pesquisador Hildo Honório do Couto a situação de multilingüismo de índios (por exemplo, tupi, timbira, maxakali etc.) e de africanos (por exemplo, bantu, ewe, iorubá etc.) do Brasil deve ter contribuído à formação de vários crioulos.

A formação de Quilombos, como Palmares, já citado anteriormente, deve ter criado condições favoráveis para o desenvolvimento de vários crioulos. Segundo Couto esse crioulos sobrevivem até hoje em forma de *anti-crioulo*,⁴⁴ ou seja, uma língua mista

³⁹ O significante é a forma, da palavra que é consituída por letras e fonemas.

⁴⁰ O significado é o conteúdo, a parte abstrata. É o conceito transmitido pela palavra.

⁴¹ Pinilla, Aparecida; Rigoni, Cristina; Indiani, M. Thereza: *O Atlas Prévio dos Falares Baianos*, <<http://acd.ufrj.br/~pead/tema01/link39.html>>.

⁴² *Novo dicionário Aurélio*, p. 575.

⁴³ Houaiss, Antonio/ Villar de Salles, Mauro: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, p. 870-871.

⁴⁴ Do Couto, Hildo Honório, *Os estudos crioulos no Brasil*, p. 101.

que mantém uma pequena parte de seu vocabulário original, e que adota a gramática da língua dominante. Esse fenômeno é chamado de *regramaticalização*.

IV.1 Um exemplo de crioulo na Bahia: Helvécia

Há um caso particular de crioulisto que chamou atenção no Estado da Bahia. Trata-se do distrito de Helvécia do Município de Nova Viçosa (Porto Seguro).⁴⁵

Helvécia foi descoberta pela pesquisadora Carlota S. Ferreira em 1969. A comunidade Helvécia tem sua origem na Colônia Leopoldina, uma colônia suíça-alemã, que se instalou, por concessão do Governo Central, entre 1818-1888, quer dizer até a abolição, e que usava mão-de-obra de escravos negros. Essa colônia vivia do cultivo e da exportação do café.

Em 1858, a colônia tinha uma população de 200 brancos, principalmente de suíços e alemães, franceses e brasileiros, e de 2000 negros em grande parte nascidos na colônia (antes de 1850 a lei de Queiroz proibiu definitivamente a importação de escravos).⁴⁶

O caso de Helvécia é particular, porque os senhores dessa colônia eram estrangeiros e a língua materna não era o português. Também o isolamento geográfico dessa colônia, é um fator importante para uma provável evolução de um crioulo.

Após a abolição, os colonos voltaram, enquanto os ex-escravos permaneceram nas antigas plantações, vivendo de uma cultura de subsistência. A vila de Helvécia passou a ser em 1897 uma estação da ferrovia Bahia-Minas (há muito tempo que foi desativada).

Alguns indícios de um processo anterior de crioulisto foram recolhidos na pesquisa de Ferreira nos anos 1960 e podem dar uma idéia de restos de um crioulo. Tais indícios são:

- Uso variável do artigo definido: *Quando abri janela*
- Variação na flexão número-pessoal que atinge a primeira pessoa do singular: *io ñõ pode arrumar o casa*
- Simplificação da forma flexional do verbo: *io sabe, io esqueceu, ele morrê*, etc.

⁴⁵ Para o tema Helvécia veja também a seguinte página do Projeto Vertentes: <www.vertentes.ufba.br/helvecia.htm>.

⁴⁶ Capítulo *Sócio-história* em <www.vertentes.ufba.br/helvecia.htm>.

É claro que a situação lingüística atual de Helvécia hoje é bem diferente, porque tem muitos fatores, como o advento da rádio e tv etc., que influíram nos processos lingüísticos. Esse falar crioulo, se assim podemos dizer, é visto pelos pesquisadores com resultante de uma transmissão lingüística irregular, devido ao contato precário com a língua portuguesa.⁴⁷ Esse pequeno resumo só pode dar uma idéia desse fenômeno típico da criouliização que é a simplificação em seus vários aspectos mostrados acima.

Recentemente Helvécia foi pesquisada pelo crioulista australiano Alan Baxter e por Dante Lucchesi. Essas pesquisas fazem também parte das do Projeto *Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia*.⁴⁸

V. Salvador da Bahia de Todos os Santos

Kiry muré e *Paraguaçu* eram os nomes que os tubinambás deram ao sítio onde viria a ser construída a futura Cidade de Salvador.⁴⁹ Um pouco mais de um ano depois



da “descoberta” de Cabral, exatamente no dia primeiro de novembro de 1501, dia de Todos os Santos, chegaram três navios que compunham a expedição do português Gonçalo Coelho e do florentino Américo Vespúcio. Foi assim que a

terra *da Santa Cruz* foi rebatizada pelo nome de *baía de Todos os Santos*. A *Cidade de São Salvador da Bahia de Todos os Santos* começou a ser erguida com a chegada do governador Tomé de Souza no dia 29 de março de 1549.⁵⁰

A cidade de Salvador tornou-se o centro urbano da Bahia. Também por esse motivo consolidou-se na memória popular a denominação de *Cidade da Bahia*. Salvador passou a ser o mercado importador e exportador, bem como uns dos principais mercados de escravos e de produtos alimentares. No século XVII, além de exportadora de açúcar, a cidade impôs-se como centro de escoamento de ouro vindo de Minas Gerais.

⁴⁷ Veja também: Leite, Yvonne; Callou, Dinah: *Como falam os brasileiros*, p. 15.

⁴⁸ Página oficial do Projeto Vertentes: <www.vertentes.ufba.br/>.

⁴⁹ Riseiro, Antonio: *Uma história da Cidade da Bahia*, p.24-25.

⁵⁰ Veja para esse e o próximo parágrafo: Castro de Araújo, Ubiratan: *A baía de Todos os Santos: uns sistema geo-histórico resistente*, em: *Bahia análise & dados*, Salvador (BA), Março 2000, N.4, p. 10-23.

V.1 A situação linguageira na Bahia nos séculos XVI-XIX

No Estado da Bahia e em Salvador em particular, o nagô (ioruba) chegou a ser língua comum dos escravos. Segundo Houaiss, os negros viviam na Bahia três situações linguageiras entre os séculos XVI e XIX:⁵¹

- Ladinos que vindo da África já conheciam o português, língua geral do tráfico negreiro.
- Negros recém-capturados que não conheciam o português.
- Negros que falam sua língua de origem (nagô ou ioruba), acedendo aos poucos ao português, vivendo uma situação bilingüe (em particular no fim do séc. XVIII).

V.2 O falar baiano

Por falar entende-se um “conjunto de traços lingüísticos característicos de uma área geográfica específica, tomando para estudo no âmbito de um dialeto.”⁵² Também trata-se de variedades faladas nas áreas lingüísticas, em nosso caso, do Brasil.

Um traço marcante do falar em Salvador é a entoação descendente, denominada *fala cantada*. Outras características fonéticas marcantes são as vogais abertas e a perda pronunciada do *r* final.⁵³ Também a pronúncia dental do *t* e do *d* antes do *i*, em palavras como *mentira*, *desde ditado*, etc. é considerada típica do falar nordestino no qual se inclui também o falar baiano. Típico da Bahia é a pronúncia de *t* e *d*, respectivamente em *tsch* e *dj*, como no falar carioca.⁵⁴ A pronúncia das vogais pretônicas *e* e *o* tem a realização aberta, como também as pretônicas médias abertas [ɛ] e [ɔ].⁵⁵ Salvador apresenta uma distribuição equilibrada das variantes de *s* sibilante o chiado. Observa-se mais a vocalização da lateral, característica que é também geral em todo o país.⁵⁶ Esses são os traços mais importantes da fala de Salvador.

⁵¹ Para esse parágrafo veja Houaiss, Antônio, *O português no Brasil*, p. 41-42.

⁵² *Novo dicionário Aurélio*, p. 868.

⁵³ Leite, Yvonne; Callou, Dinah: *Como falam os brasileiros*, p. 10.

⁵⁴ Leite, Yvonne; Callou, Dinah: *Como falam os brasileiros*, p. 20.

⁵⁵ Leite, Yvonne; Callou, Dinah: *Como falam os brasileiros*, p. 40-41.

⁵⁶ Leite, Yvonne; Callou, Dinah: *Como falam os brasileiros*, p. 45-47.

V.3 Os níveis socioculturais de linguagem na Bahia

Também na Bahia, como no resto do Brasil, registram-se hoje níveis socioculturais de linguagem. Yeda Pessoa de Castro diferencia entre cinco níveis de linguagem na Bahia:

- Linguagem religiosa dos candomblés ou língua de santo
- Linguagem de comunicação usual do povo-de-santo
- Linguagem popular da Bahia
- Linguagem da cidade e de uso corrente, familiar na Bahia
- Português do Brasil em geral⁵⁷

A linguagem religiosa do candomblé usa um repertório de sistemas lexicais de antigos falares africanos. Trata-se de uma linguagem litúrgica e simbólica que é entendida pelos chefes dos terreiros. Ela pode ser comparada ao latim usado nas liturgias católicas, que é entendido por liturgista, mas que o laico usa em certos contextos, sem conhecer o seu significado.

A linguagem popular da Bahia é aquela usada das camadas sociais de baixa renda com um elevado índice de analfabetismo.⁵⁸ A maioria desse grupo de falantes é negra e do povo-de-santo. O português familiar da Bahia é falado por pessoas educadas e das camadas sociais economicamente privilegiadas. Para as características do português do Brasil veja também o capítulo II.

VI. Africanismos da Bahia

Através de alguns fatos históricos que tratamos nos capítulos precedentes, podemos constatar que uma característica importante do português falado na Bahia são as palavras e as expressões de origem africana. Esse léxico está presente nas atividades culturais dos baianenses como a culinária, música e religião. Por esse motivo, vamos aprofundar esse tema no capítulo seguinte.

⁵⁷ Pessoa de Castro, Yeda: *Falares africanos na Bahia. Um Vocabulário Afro-Brasileiro*, p. 80.

⁵⁸ Segundo a IGBE entre a população que se declara de raça negra o índice de analfabetismo atinge os 21,5%. < www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tabelagrandes_regioes211.shtm

Abaixo segue uma seleção de palavras de origem africana, escolhidas no *Dictionary of african borrowings in brazilian portuguese*.⁵⁹ Trata-se de palavras que são usadas principalmente no estado da Bahia e de etimologia africana. Essa lista não pretende ser completa. Também a classificação dos dois ramos lingüísticos maiores que segue é só uma tentativa de dar uma panorâmica das influências principais africanas.

- Do *iorubá*: abará, abebé, abedé, aberém, abó, abô, afura, aiú, axoxo, baami, iaô, iruexim, ixes, mocotó, oquicó, ôrôbô, quêto, tutu, xodó.
- Do *banto*:⁶⁰ babatar, baia, bamba, bimba, bingar, caçula, cacumbu, cambondo, caxinguelê, inganja, dunga, fuã, inganja, mangalaço, makáku, mataca, mironga, mutamba (macaco), marufo, mironga, mutamba, quiba, quilombo, quitanda, tungar, zanzar.

VII. Cultura e língua na Bahia

*“Cidade religiosa, cidade colonial, cidade negra da Baía. Igrejas sumptuosas bordadas de ouro, casas de azuleijos azuis, antigos sobradões onde a miséria habita, ruas e ladeiras caçadas de pedras, fortes velhos, lugares históricos e o cais [...]”*⁶¹

Jorge Amado

O Largo do *Pelourinho* (oficialmente Praça José de Alencar) é o centro histórico, o coração de Salvador da Bahia.⁶² Já como o nome diz, o pelourinho era uma coluna na praça pública, lugar de suplício onde se castigavam principalmente os



escravos, culpados de lutar pela própria liberdade, e os criminosos.

O pelourinho era normalmente construído nos engenhos, afastado da cidade. Para demonstrar a força e o poder, os senhores

construíram um pelourinho no centro da cidade. Foi assim que os escravos passaram a

⁵⁹ Schneider, John T.: *Dictionary of african borrowings in brazilian portuguese*, Amburgo 1991

⁶⁰ Nota-se que o banto designa os grupos lingüísticos sub-saarianos (como o quimbundo, quicongo, umbundo, etc. e ca. outras 100 línguas) que compreende uma área de 9.000.000 km². Trata-se de um território que engloba a África Central, Oriental e Meridional que compreende a República Centro-Africana, Camarões, Guiné Equatorial, Gabão, Angola, Namíbia, República Popular do Congo, República Democrática do Congo, Zâmbia, Burundi, Ruanda, Uganda, Quênia, Malawi, Zimbábue, Botsuana, Lesoto, Moçambique e a África do Sul. Veja também: Pessoa de Castro, Yeda: *Falares africanos na Bahia. Um Vocabulário Afro-Brasileiro*, p. 25.

⁶¹ Amado, Jorge, *Jubiabá*, p. 61.

⁶² Veja também a fundação Jorge Amado: <www.fundacaojorgeamado.com.br/casa_localizacao.htm>.

ser castigados em praça pública, na frente de todo o mundo. O nome *Pelourinho* ficou tão popular que hoje designa o centro histórico de Salvador.

A figura mais importante de Salvador é aquela das baianas, dessas matriarcas generosas que vendem acarajé, abará, cocadas e outras delícias. O elemento característico da roupa baiana é de reminiscência barroca: nessa roupa encontra-se o Ocidente com o Oriente, exatamente a estética europeia do século XVIII e de povos islâmicos.⁶³

Chamou-me atenção um objeto tradicional que em Salvador da Bahia é muito difundido e vendido em vários tamanhos e que provém da época da escravidão:



Trata-se do *balangandã* (veja foto ao lado). O *balangandã* é um “ornamento ou amuleto de metal em formas de figas, medalhas, chaves, pendente de broche, argola o pulseiras,”⁶⁴ usadas pelas baianas vestidas a caráter e em dias de festas, principalmente na festa do *Senhor do Bonfim*, e para proteger e adornar a casa. Essa palavra provém provavelmente do zulu (que faz parte do grupo banto) *bulungana*.⁶⁵ As pencas ou molhos de balangandãs, como elas são também chamadas, são feitos de prata e eram adornos usados na cintura que integravam as roupas de baiana.⁶⁶

VII.1 Culinária

Os pratos e ingredientes típicos de Salvador conservam esse vocabulário de origem africana:

- beiju, bobó (de camarão ou de abóbora), (azeite de) dendê, xinxim (de galinha)⁶⁷, caruru, mas também acarajé e vatapá⁶⁸,

⁶³ Lody, Raul: *Atlas afro-brasileiro. Cultura popular*, p. 74-79.

⁶⁴ *Novo dicionário Aurélio*, p. 254.

⁶⁵ Schneider, John T.: *Dictionary of african borrowings in brazilian portuguese*, p. 24.

⁶⁶ Lody, Raul: *Atlas afro-brasileiro. Cultura popular*, p. 67.

⁶⁷ Bobó-de-camarão e azeite-de-dendê, etc., são considerados híbridos porque são formadas por uma palavra portuguesa e uma africana.

⁶⁸ Estas últimas duas palavras foram retiradas de: Teyssier, Paul, *História da língua portuguesa*, p. 88.



Da esquerda à direita: Moqueca de peixe, baiana vendendo acarajé, os frutos de dendê dos quais se extrai o azeite de dendê cor-de-laranja que dá a cor típica amarela aos pratos, vários tipos de pimentas e caruru.

Também a *moqueca* é um prato típico de Salvador, feito com peixe ou mariscos, leite-de-coco, azeite-de-dendê, coentro, etc. Sobre a origem dessa palavra os dicionários têm opiniões divergentes.⁶⁹

VII.2 Música (samba), dança e religião

Os escravos trouxeram através das naves negreiras onde eles eram transportados no Brasil uma bagagem cultural bem forte como as culturas religiosas, padrões rítmicos, instrumentos musicais e estilos dançarinos, que ao se permearem com a cultura européia (p. ex. a polifonia e a harmonia), geraram o que hoje se encontra no panorama cultural do Brasil, mais em particular na Bahia. Nos seguintes capítulos vamos examiná-los mais de perto.

VII.2.1 O candomblé



O *candomblé*⁷⁰ é um culto afro-brasileiro que foi introduzido pelos escravos no Brasil e é um exemplo de sincretismo, onde santos católicos dos portugueses e os orixás dos escravos africanos foram se misturando, formando

⁶⁹ Segundo Teyssier, Paul, *História da língua portuguesa*, p. 86. esta palavra é de origem tupi. O *Novo Dicionário Aurélio*, p. 1358, diz que a origem dessa palavra vem do quimbundo (língua do grupo banto) *mu'keka*, e também Pessoa de Castro, Yeda, diz no seu livro *Falares africanos na Bahia. Um Vocabulário Afro-Brasileiro*, p. 289, que essa palavra é de origem banto.

⁷⁰ Segundo Pessoa de Castro, Yeda, *Falares africanos na Bahia. Um Vocabulário Afro-Brasileiro*, p. 82, essa palavra vem do banto *kandómbilê* > *kandombélé* com o significado de “ação de rezar, pedir pela intercessão dos deuses”, e é derivado do verbo *kudomba* > *kulomba*, que quer “dizer rezar, invocar.”

uma única religião.⁷¹ O lugar onde se realizam encontros de candomblé se chama *terreiro*.

Os chefes do terreiro são os *pai-de-santo* e as *mãe-de-santo*. Eles preparam os terreiros para receber os orixás. Os participantes são chamados de *filhos-de-santo*. Os orixás, que tem também os nomes dos santos católicos,⁷² são forças da natureza que tem corpo e características, prégios e defeitos dos homens. Os orixás são os pais e mães espirituais dos seres humanos. Cada orixá tem sua história, cor, pedra e comida preferida. Por cada orixá tem um tipo particular de dança, canto e batuque. Os crentes dessa religião acham que são filhos de um orixá e usam pulseiras, colares, roupas e cores que correspondem ao seu orixá. As cerimônias de candomblé são feitas para se comunicar com os orixás, pedindo-lhes favores e conselhos e para transmitir mensagens.

Uma forma de se comunicar com os orixás é jogar búzios (tipos de conchinhas) no chão e que os pai-de-santo e mãe-de-santo decifram. Várias comidas como, feijão, acarajé, abará, milho etc. são oferecidas para agradar os santos. Outra forma de chamá-los é cantando em roda, batendo palmas e tocando atabaques, tambores, agogôs e berimbaus. De repente, pode baixar um santo no corpo de um participante que cai numa forma de transe. Este começa a gritar e a se mexer fortemente com o corpo, até cair num estado de sono. Normalmente o participante, que acolheu o santo, não se lembra do acontecido.

É interessante notar que cada terreiro de candomblé pertence a uma *nação* que compreende um repertório lingüístico específico africano que tem como base os seguintes ramos lingüísticos:

- de base banto (Congo-Brazzaville, Congo-Kinshasa e Angola)
- de base ewe-fo (Gana, Togo, Benim, Daomé)
- de base iorubá/nagô (Nigéria ocidental, reino Queto, Benim)⁷³

Aqui seguem alguns exemplos do vasto vocabulário que provém do culto do candomblé:

⁷¹ Para esse tema veja: Dumont, Sávia: *O Brasil em Festa*, p. 55-56.

⁷² Xangô corresponde a São João, Exu a São Jorge, Iansã a Santa Bárbara, Iemanjá a Nossa Senhora.

⁷³ Pessoa de Castro, Yeda: *Falares africanos na Bahia. Um Vocabulário Afro-Brasileiro*, p. 81.

- acará, adjá, adarrum, adê, afofié, agô, agüê, aira, alabe, alujá, ariaxé, axé, axexê, axogu, babáifá, baiani, búzio, cajapriku, egum, eparrei, ialorixá, iemanjá, ifá, ijexá, Ifé, ixê, iyakekere, iyalorixá, maionga, maiongá, obá, obatalá, ogã, ojá, olubajê, orixá, oruncó, ossé, oxóssi, oxum, peji, sirrum.

VII.2.2 A Capoeira

A *capoeira*⁷⁴ é do ponto de vista músico-etnológico um caso particular por o qual não existe um termo musical específico. A *capoeira* é um misto de jogo acrobático, dança e luta, que é acompanhada principalmente pelo berimbau e por outros instrumentos de percussão como pandeiro, atabaque, agogô como também por palmas e cantos de roda. O berimbau executa toques (rítmos específicos) sobre os quais os



capoeiristas jogam. Os toques tradicionais mais conhecidos são: Toque de São Bento Grande, toque de São Bento Pequeno, Iúna etc. No período da repressão, quando a capoeira foi proibida, os capoeiristas inventaram um tipo de toque chamado de Cavalaria. Esse toque lembrava a chegada dos cavaleiros e avisava

os jogadores, que deveriam camuflar a luta para a dança de capoeira.⁷⁵

Os dois adversários jogam dentro de uma roda. A *capoeira* é praticada como brincadeira onde os golpes não atingem o adversário, mesmo dentro de um ritmo frenético e dentro de movimentos rápidos. Mas os golpes são tão perigosos que podem ser utilizados como uma luta mortal. No seu início a capoeira era praticada por negros e mulatos e é uma tradição que vem da Bahia.⁷⁶ Hoje se distingue entre a capoeira tradicional que é chamada de *Capoeira de Angola* e *Capoeira regional*, que é uma evolução dos anos 1930, criada por Mestre Bimba.

⁷⁴ Também sobre a origem da palavra capoeira há divergências: O *Novo dicionário Aurélio*, p. 396. afirma que essa palavra vem do tupi e quer dizer “mata que foi.” Yeda Pessoa de Castro, *Falares africanos na Bahia. Um Vocabulário Afro-Brasileiro*, p. 200. quicongo/quimbundo *kambulila*> *kambulela* com o significado de “ação de reperlir, esquivar-se, aparar, rechaçar mutuamente, aos pares, com rasteiras e golpes de pé.” John T. Schneider, *Dictionary of african borrowings in brazilian portuguese*, p. 104, vê uma possível origem no umbundu *kupwila* “causar a caída” e no mbundo *kapwela* que significa “bater as palmas.” Riseiro, Antonio, *Uma história da Cidade da Bahia*, p. 170 diz que capoeira è o resultado da união de duas plavras de origem tupi: *caá* com o significado de “mato” e de *puêra*, uma partícula do pretérito que significa “o que foi”. O significado das duas palavras unidas é de “roça abandonada, onde o mato já cresceu.”

⁷⁵ Lody, Raul: *Atlas afro-brasileiro. Cultura popular*, p. 60.

⁷⁶ Por mais informações veja também: De Andrade, Mário: *Dicionário musical brasileiro*, p. 111-112.

VII.2.3 Dança e Música

“Oh! Vida danada, é a vida de sambador, de dia está no trabalho, de noite está no tambor.”

Poesia do samba-de-roda, do recôncavo da Bahia⁷⁷

A dança, especialmente o samba-de-roda, que se diferencia do samba carioca, é uma característica típica do Recôncavo. Trata-se de uma variante de samba, que como o nome já diz, é desenvolvido em formação coreográfica em roda. A dança em círculo é uma característica trazida dos povos africanos. A etimologia da palavra samba deriva do quicongo/quimbundo *semba*,⁷⁸ que designava um movimento sensual típico que ainda está presente no samba-de-roda atual que é a umbigada, e com a qual o solista dentro da roda convida um participante para substituí-lo no centro da roda.

Aqui seguem apenas alguns exemplos de africanismos presentes no vocabulário, que para simplificar, chamaremos de musical:

- Instrumentos: Afoxê, agogô, berimbau, berimbau-de-barriga, bubumbumba, caxixi, cuíca, lé, mucaxixi, rum
- Danças/Estilos: Batuque, Makulelê, Samba, Sorongo

Conclusões

O motivo pelo qual escolhi juntar no último capítulo os três elementos música (samba), capoeira e candomblé parte de uma pesquisa do musicólogo Tiago De Oliveira Pinto realizada na Bahia, especialmente na região do Recôncavo, como em Santo Amaro. No seu livro *Capoeira, Samba, Candomblé* ele mostrou que especialmente naquela região, cada desses três elementos tem partes dos outros dois elementos. Isto é, nas músicas cantadas na capoeira, o grupo invoca com exclamações para chamar divindades que pertencem ao candomblé. E o candomblé, por sua vez, pode servir-se de

⁷⁷ Lody, Raul: *Atlas afro-brasileiro. Cultura popular*, p. 45.

⁷⁸ Pessoa de Castro, Yeda, *Falares africanos na Bahia. Um Vocabulário Afro-Brasileiro*, p. 333.

elementos rítmicos de samba.⁷⁹ Isso para mostrar mais uma vez o caráter mestiço e sincrético da Bahia.

Nesse trabalho eu quis mostrar, baseando-me em fatos históricos-lingüísticos como se formaram o português na Bahia urbana e rural, e a importância da cultura e das tradições, testemunhas vivas de fatos históricos importantes. Quis também fazer uma “ponte” entre a lingüística e a musicologia, mostrando, no exemplo da Bahia, que se trata de duas disciplinas que se complementam e que podem dar início a interessantes pesquisas musicológicas-lingüísticas.

Aqui foram tratados vários temas de forma geral, entre os quais uma possível forma de crioulo e a situação da pesquisa atual como o Atlas Prévio dos Falares Bahianos (APFB). Como vimos, o tema aqui abordado do africanismo deixa também muitos temas abertos, como por exemplo, a etimologia das palavras de origem africana. Interessante seria uma pesquisa aprofundada da morfologia das palavras africanas e das transformações que elas passaram em contato com o português.

Mesmo assim espero de ter dado um quadro interessante da formação lingüística-cultural da Bahia.

Jolanda Giardiello

Zurique, outubro 2006

⁷⁹ De Oliveira Pinto, Tiago: *Capoeira, Samba, Candomblé*, Berlim 1991, veja especialmente a p. 107.

Bibliografia

Amado, Jorge: *Jubiabá*, 12^a edição, Edição “Livros do Brasil”, Lisboa

Bueno, Eduardo, *A viagem do descobrimento. A verdadeira história da expedição de Cabral*, Rio de Janeiro 1998

Caldeira, Jorge: *História do Brasil*, São Paulo 1997

De Caminha, Pero Vaz: *Carta a El Rei D. Manuel* (1500), São Paulo 1963, edição em forma digitalizada (pdf), <www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/autor.html>

Cardoso, Suzana Alice Marcelino: *A Dialectologia no Brasil: Perspectivas*, <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300010>

Castro de Araújo, Ubiratan: *A baía de Todos os Santos: um sistema geo-histórico resistente*, em: *Bahia análise & dados*, Salvador (BA), Março 2000, N. 4, p. 10-23

De Oliveira Pinto, Tiago: *Capoeira, Samba, Candomblé*, Berlin 1991

Do Couto, Hildo Honório: *Os estudos crioulos no Brasil*, em: *Pesquisas lingüísticas em Portugal e no Brasil*, Gärtner, Bernhard (ed.), Frankfurt am Main 1997, p. 99-112

Do Socorro Silva de Aragão, Maria: *A situação da geografia lingüística no Brasil*, em: *Pesquisas linguística em Portugal e no Brasil*, Gärtner, Bernhard (ed.), Frankfurt am Main 1997, p. 79-97

Dumont, Sávia: *O Brasil em Festa*, São Paulo 2000

Elia, Sílvio: *Fundamentos histórico-lingüísticos do português do Brasil*, Rio de Janeiro 2003

Faraco, Carlos Alberto: *Revoluções por minuto*, em: *Discutindo Língua Portuguesa*, (ed.) Ribeiro, Igor, Ano 1, Nr. 4, p. 14-17

Houaiss, Antônio: *O português no Brasil*, Rio de Janeiro 1992

Leite, Yvonne; Callou, Dinah: *Como falam os brasileiros*, 3ª edição, Rio de Janeiro 2005

Lody, Raul: *Atlas afro-brasileiro. Cultura popular*, Salvador 2006

Lucchesi, Dante: Fora de Orbita, em: *Discutindo Língua Portuguesa*, (ed.) Ribeiro, Igor, Ano 1, Nr. 4, p. 42-45

Martins, Wilson: *História da inteligência brasileira*, Vol. I, 5ª edição, São Paulo 2001.

Pinilla, Aparecida; Rigoni, Cristina; Indiani, M. Thereza: *O Atlas Prévio dos Falares Baianos*, <<http://acd.ufrj.br/~pead/tema01/link39.html>>

Riseiro Antonio: *Uma história da Cidade da Bahia*, Rio de Janeiro 2004

Pessoa de Castro, Yeda: *Falares africanos na Bahia. Um Vocabulário Afro-Brasileiro*, Rio de Janeiro 2001

Teyssier, Paul: *História da língua portuguesa*, 8ª edição portuguesa, Lisboa 2001

Dicionários

De Andrade, Mário: *Dicionário musical brasileiro*, Belo Horizonte 1989

De Hollanda Ferreira, Aurélio Buarque: *Novo dicionário Aurélio*, 3ª edição, Curitiba 2004

Houaiss, Antonio; Villar de Salles, Mauro: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 1ª edição, Rio de Janeiro 2001

Rossi, Nelson: *Dicionário prévio dos falares baianos*, Bahia 1963

Schneider, John T.: *Dictionary of african borrowings in brazilian portuguese*, Amburgo 1991

Sites

Fundação Jorge Amado: <www.fundacaojorgeamado.com.br/>

Helvécia (Bahia): <www.vertentes.ufba.br/helvecia.htm>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) : <www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tabelagrandes_regioes211.shtm>

Projeto Vertentes: <www.vertentes.ufba.br>

Texto da Lei Áurea: www.senado.gov.br/comunica/historia/aurea.htm

Ilustrações

Baiana vendendo acarajé, p. 23: <www.alberguedoportocom.br>

Balangandã, p. 22: <www.joia-e-arte.com.br>

Caruru, p. 23: <www.abc-latina.com/bresil/cuisine.htm>

Culto de candomblé com costumes típicos, p. 23: <www.bahia-online.net/candomble/candomble-carybe.jpg>

Dendê, p. 23: <www.brazilonboard.com>

Literatura de Cordel, p. 13: <<http://web.uni-marburg.de/voelkerkunde/forschung/start.html>>

Moqueca de peixe, p. 23: <www.civis.com.br>

Moqueca com azeite de dendê, p. 23: <www.macedo.com.br>

Pelourinho, centro histórico de Salvador, p. 18: <www.tropicalisland.de>

Pelourinho com escravo, p. 21: <www.culturabrasil.pro.br/capetalismo.htm>

Pimenta, p. 23: <http://claudiacozinha.abril.com.br/livre/edicoes/ed_43/index.shtml>

Roda de capoeira, p. 25: <www.capoeira-palmares.fr/histor/images/rug418s.jpg>